



# **A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL**

coletânea de depoimentos e outros escritos

Caetana Juracy Rezende Silva  
Fernando Bomfim Mariana  
Maria da Conceição da Silva Freitas  
(orgs.)



Núcleo de Estudos Estratégicos (NESTRA)  
Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM)  
Universidade de Brasília (UnB)  
2023

© 2023 Caetana Juracy Rezende Silva; Fernando Bomfim Mariana; Maria da Conceição da Silva Freitas.



[Licença creative commons: colocar a figura correspondente a sua autorização]

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra é de Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana e Maria da Conceição da Silva Freitas.

1ª edição

## Elaboração e informações

Universidade de Brasília

Centro de Estudo Avançados Multidisciplinares

Núcleo de Estudos Estratégicos

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, CEP 70910-900, Brasília-DF, Brasil

Contato: (61)3107-5802

Site: [www.ceam.unb.br](http://www.ceam.unb.br)

E-mail: [nestra@unb.br](mailto:nestra@unb.br)

## Equipe técnica

Autores: GOMES [et. al.]

Organização: SILVA, C. J. R.; MARIANA, F.B.; FREITAS, M. C. S.

Revisão: Caetana Juracy Rezende Silva e Fernando Bomfim Mariana

Diagramação: Caetana Juracy Rezende Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

O69

A orientação educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal : coletânea de depoimentos e outros escritos / Caetana Juracy Rezende Silva, Fernando Bomfim Mariana, Maria da Conceição da Silva Freitas (orgs.). – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares, 2023.  
189 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-997169-4-2 (impresso).

ISBN 978-65-997169-5-9 (e-book).

1. Orientação educacional. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. I. Silva, Caetana Juracy Rezende (org.). II. Mariana, Fernando Bomfim (org.). III. Freitas, Maria da Conceição da Silva(org.).

CDU 37.048

A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO  
CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19  
NO DISTRITO FEDERAL  
coletânea de depoimentos e outros escritos

# A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO DISTRITO FEDERAL

coletânea de depoimentos e outros escritos

A questão central desta obra é dar visibilidade ao trabalho da Orientação Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal. Os desafios do ensino remoto e das ressignificações do trabalho docente exigiram inúmeros contornos para o exercício da profissão do Orientador Educacional. Nesse sentido, esta publicação não é uma obra estritamente acadêmica. Reúne depoimentos e escritos diversos, nos quais as autoras e os autores estiveram livres para apresentarem suas contribuições profissionais a partir de olhares próprios dos sujeitos diante das inúmeras questões enfrentadas.

A importância desta coletânea de textos se firma nos pressupostos de aproximação das realidades dos Orientadores no âmbito da troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade, bem como pela possibilidade de complexificar as reflexões dentro das Ciências Humanas na intencionalidade de transformação da sociedade.



*À memória de Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes*



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** – 4

**PREFÁCIO – A CAIXA DO DESCONHECIDO** – 7

*Karina Mondianne de Sousa Oliveira Gomes*

**CAPÍTULO 1:** Comentários sobre publicações acerca do trabalho do Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 – 9

*Aldeane de Souza; Jane Rose Ferreira dos Santos e André Ribeiro da Silva*

**CAPÍTULO 2:** O Orientador Educacional e a mediação de conflitos no contexto do ensino remoto: a experiência da Escola Classe 22 do Gama – 20

*Ana Cláudia Costa Medeiros*

**CAPÍTULO 3:** Trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal: Orientar desenvolvendo autonomia de estudos em tempos de distanciamento social – 33

*Anita de Oliveira Ventura*

**CAPÍTULO 4:** O Orientador Educacional como elo entre família e escola: ampliando possibilidades e caminhos para a construção de aprendizagens em tempos de pandemia de Covid-19 no ensino público do Distrito Federal – 39

*Carla Micheline Campos da Silva*

**CAPÍTULO 5:** Orientação Educacional em tempo de pandemia: desafio aceito – 47

*Débora A. Felipe*

**CAPÍTULO 6:** Sob a ótica do lado avesso na educação, no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 56

*Edvaldo Medeiros de Souza*

**CAPÍTULO 7:** Orientação Educacional no contexto de pandemia: mais que empatia, compaixão! – 68

*Fernanda Cavalcante e Keila Andrich*

**CAPÍTULO 8:** O trabalho docente e o Pedagogo-Orientador Educacional no contexto da pandemia de Covid-19 no Distrito Federal – 76

*Hellen Andrade Lima*

**CAPÍTULO 9:** Coordenação Intermediária da Orientação Educacional: os desafios e as aprendizagens no desenvolvimento das atribuições no trabalho mediado pelas tecnologias – 78

*Ivanilde Silva*

**CAPÍTULO 10:** A práxis pedagógica no trabalho da Pedagoga-Orientadora Educacional de escola pública do Distrito Federal no contexto de ensino remoto emergencial – 92

*Jesica Barbosa Dantas*

**CAPÍTULO 11:** Orientação Educacional em tempos de pandemia: a invisibilidade e o acolhimento ao Orientador Educacional – 102

*Jéssica Morrone de Oliveira Paes*

**CAPÍTULO 12:** A ressignificação da práxis da Orientação Educacional da Escola Classe do Setor P Norte no contexto da pandemia – 108

*Lucélia de Lima Soares e Maria da Graça Gomes da Silva*

**CAPÍTULO 13:** Orientação Educacional: diálogos e troca de saberes entre a Educação Básica e a Universidade de Brasília – 116

*Maria Delmair Lacerda Queiroz e Fernando Bomfim Mariana*

**CAPÍTULO 14:** Estudantes com indicativo de altas habilidades/superdotação e a relevância do trabalho pedagógico do Orientador Educacional – 123

*Maria Eugênia Monteiro e Francisnilde Miranda da Silva*

**CAPÍTULO 15:** Encontros e descobertas na Orientação Educacional pelo Brasil – 140

*Marina Cantanhêde Rampazzo*

**CAPÍTULO 16:** O Desafio interpessoal do trabalho remoto no contexto da pandemia – 143

*Maristela Pereira de Sousa Severo*

**CAPÍTULO 17:** Princípios teóricos no trabalho da Orientação Educacional – 150

*Michele Miranda*

**CAPÍTULO 18:** Encontro Articulado Pedagógico: momento estratégico de construção coletiva da práxis da Orientação Educacional durante o ensino remoto – 160

*Nádia Lopes dos Santos*

**CAPÍTULO 19:** Orientação Educacional: tecendo novas estratégias de escuta pedagógica diante dos novos contextos socioemocionais – 164

*Patrícia Miranda Chaves dos Santos*

**CAPÍTULO 20:** Busca e escuta no ensino remoto: um olhar sobre os desafios na Educação Infantil – 174

*Vera Lúcia Bezerra Cândido*

**CAPÍTULO 21:** A prática da Orientação Educacional no ensino remoto: a experiência do CEF 101 do Recanto das Emas – 181

*Zenilda Martins*

## CAPÍTULO 2

### O ORIENTADOR EDUCACIONAL E A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA CLASSE 22 DO GAMA

*Ana Cláudia Costa Medeiros*

A pandemia de Covid-19, a necessidade do isolamento social e o fechamento das escolas públicas trouxeram inúmeros desafios para os profissionais de educação, para os estudantes e seus familiares.

Nas escolas públicas do Distrito Federal, o ano letivo de 2020 tinha começado há poucas semanas, quando no dia 13/05/2020 sem aviso prévio a população foi surpreendida com a notícia nos telejornais de que as aulas seriam suspensas por 15 dias como medida de prevenção e enfrentamento a pandemia. Ressalta-se que o Distrito Federal foi a primeira unidade da federação a decretar o fechamento das instituições de ensino como medida de prevenção e enfrentamento à pandemia no Brasil. O Governador Ibaneis Rocha foi muito criticado por essa decisão. Nesse período ainda havia muito ceticismo em relação à gravidade e à dimensão que a pandemia tomaria no país.

A comunidade escolar acreditava que após esses quinze dias, as aulas presenciais voltariam normalmente, o que infelizmente não aconteceu. Todo o ano letivo de 2020 precisou ser readequado para o ensino remoto e o primeiro semestre do ano letivo de 2021 continuou com as escolas públicas fechadas.

Como alternativa para que o ano escolar não fosse perdido, a Secretaria de Educação no Distrito Federal propôs a educação mediada por tecnologia. Havia grandes desafios para implementação desse projeto como a criação de uma plataforma digital, a formação dos professores e a garantia de que nenhum estudante fosse prejudicado por não ter acesso a internet, computadores e outros meios de acesso digital.

Foi um período de adaptação difícil que gerou sofrimento e angústia em toda a comunidade escolar, no entanto, os profissionais de educação demonstraram muita

resiliência, capacidade de enfrentar desafios e muita criatividade para que fosse garantido aos estudantes o acesso à educação remota.

Assim como os professores e demais profissionais da educação, os orientadores e orientadoras educacionais, precisaram repensar sua prática profissional e adequar os atendimentos que eram realizados de forma presencial para as necessidades e demandas do ensino remoto embasados e fundamentados em dois documentos principais: A Orientação Pedagógica da Orientação Educacional e a Circular 173/2020 SEE/SUBEB que especifica o atendimento na educação remota. No artigo 126 dessa circular encontramos:

A Orientação Educacional é serviço especializado, desempenhado pelo Pedagogo-Orientador Educacional, para o acompanhamento e o apoio dos profissionais da educação, dos estudantes, seus familiares e articulação da comunidade escolar e da rede externa (rede social ou rede de apoio), quanto ao processo de ensino e aprendizagem e das relações humanas que os cercam. (Circular 173/2020 SEE/SUBEB, Art. 26)

Nesse contexto emerge a importância do Serviço de Orientação Educacional nas instituições de ensino. O(A) Orientador(a) é o profissional que tem uma visão ampla do processo educativo. Além da preocupação com a aprendizagem dos conteúdos, se preocupa também com os aspectos emocionais, as relações humanas e as dificuldades e necessidades de toda a comunidade escolar.

Esse profissional realiza o acolhimento e a escuta ativa dos profissionais da educação e dos estudantes, mediando conflitos, prestando apoio, buscando parcerias nas redes de apoio, trabalhando temas como a prevenção das violências, a inclusão e realizando a busca ativa para garantir o acesso e permanência dos estudantes no ensino remoto.

Na Escola Classe 22 do Gama o Serviço de Orientação Educacional é conhecido e valorizado pela comunidade escolar pelo trabalho desenvolvido com a mediação social de conflitos por meio da implantação do Projeto Mediação de Conflitos: do Diálogo à Cidadania. Esse projeto está integrado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e subsidia as ações dos demais projetos da escola como o Projeto Amigos do Recreio e Força: Substantivo Feminino.

Em 2020, a mediação de conflitos e o incentivo à leitura foram eleitos como “missões” da escola. Isso significa que a escola quer ser reconhecida como uma escola mediadora, que valoriza e respeita as relações humanas e que incentiva a descoberta e à produção literária.

Após a realização de cursos, observações em outras instituições de ensino e estudo de diversas metodologias, adotamos a mediação social de conflitos por acreditarmos que seja a mais adequada para o âmbito educativo. Ela pode ser definida como:

um processo de criação e recriação do laço social e de regulação de conflitos da vida cotidiana, no qual um terceiro imparcial e independente tenta, através da organização de trocas entre pessoas ou instituições, ajudá-las a melhorar uma relação ou regular um conflito que as opõe. (FRANÇA, 2000, p. 74).

Na mediação social de conflitos o processo da mediação é mais importante que o resultado propriamente dito. O foco não está no simples estabelecimento de acordos, mas no estabelecimento de relações saudáveis e respeitadas por meio da reflexão, da empatia, da escuta ativa, da prevenção dos diversos tipos de violência e da criação e manutenção dos laços afetivos.

O conflito é visto como divergência de ideias, pensamentos e opiniões e, portanto, é inerente às relações humanas portanto não tem como ser evitado e nem deve. Nesse sentido concordamos com Galtung (2006) de que não se deve trabalhar com prevenção de conflitos e sim em prevenção às violências. Nossa maior preocupação não está em “resolver” a maior quantidade possível de conflitos, mas sim em compreendê-los para transformá-los.

Adotamos também o conceito de paz positiva e os conceitos de violências apresentados por Galtung. Na escola trabalhamos com crianças e educadores os conceitos de violência direta, violência estrutural e violência cultural. Existem outras, mas o trabalho foca nesta tríade para melhor compreensão dos estudantes que estão na faixa etária de 6 a 12 anos e também por que se tratam dos tipos de violência mais fáceis de se identificar no meio social.

A violência direta é a mais fácil de ser identificada e acontece quando um indivíduo tem a intenção de causar um dano físico no outro. No contexto escolar se apresentam na forma de xingamentos, agressão física e bullying.

O conceito de violência estrutural é o que causa mais espanto nos estudantes e professores. Ele emerge das injustiças sociais, do modelo socioeconômico vigente, da estratificação da sociedade e dos descumprimentos com os direitos estabelecidos em nossa Constituição Federal e dos direitos fundamentais dos seres humanos como: habitação, saúde, educação, alimentação, saúde, inclusão, segurança e outros.

Por fim, trabalhamos o conceito de violência cultural que provém de todos os tipos de preconceitos, de crenças e costumes estabelecidos nas relações entre eles: a homofobia, intolerância religiosa, violência contra a mulher, o racismo, não aceitação da diversidade, não aceitação da inclusão e outros.

A implementação do projeto teve inicialmente a parceria e colaboração da Coordenação Intermediária do Serviço de Orientação Educacional do Gama e da Universidade de Brasília (Estudar em Paz).

Com a mediação tendo sido escolhida como missão da escola e eixo norteador de todas as ações surgiram dois grandes desafios: a realização de uma formação mais aprofundada da equipe escolar sobre o tema e o desenvolvimento de uma postura mediadora na condução das resoluções de conflitos. Percebemos que mesmo os profissionais tendo escolhido a mediação como lema, nas situações de conflitos, continuavam adotando medidas punitivas.

Essas formações e sensibilizações sobre o tema precisam ser feitas todos os anos, pois devido a afastamentos para tratamento de saúde e remanejamentos, todos os anos recebemos novos professores de contrato que não passaram pela formação.

Por meio de conversas e intervenções percebemos que nenhum profissional da Escola Classe 22 do Gama seja efetivo ou de contrato recebeu durante sua licenciatura alguma formação em Mediação de Conflitos e/ou Comunicação Não-Violenta. Os poucos que conheciam a temática a viram de forma muito superficial e em palestras e oficinas oferecidas como formação continuada. Eles reconhecem a importância e a necessidade de que os futuros professores recebam dentro das licenciaturas uma formação mais aprofundada sobre o tema que é pré-requisito para a prática de qualquer profissional que irá lidar com relações humanas.

Os professores inclusive acreditam que esse tema deveria ser obrigatório no currículo de todas as Graduações pois os conflitos não se limitam aos espaços escolares, são inerentes à vida. Segundo Chrispino apud Nunes (2011, p. 15),

todos os que vivem em sociedade têm experiência de conflito e, desde a infância até a maturidade, convivem com o conflito intrapessoal (ir/não ir, fazer/não fazer, falar/não falar, comprar/não comprar, vender/não vender, casar/não casar, etc.) ou interpessoal (brigas entre vizinhos, separação familiar, guerra, desentendimentos entre estudantes, etc.).

No Distrito Federal a Escola de Aperfeiçoamento aos Profissionais de Educação (EAPE) tem oferecido desde 2011, por demanda dos orientadores educacionais, cursos de mediação de conflitos voltados ao contexto escolar. Os cursos são oferecidos para que os participantes conheçam e possam levar a mediação de conflitos às suas escolas. No entanto, muitos orientadores relatam que existe resistência em algumas escolas da incorporação da mediação na prática pedagógica, seja pela sobrecarga do trabalho docente ou pelo não entendimento que a mediação perpassa todo o currículo escolar e que não é apenas mais um projeto dentro da escola e sim uma mudança de postura diante os conflitos.

No Currículo em Movimento do Distrito Federal todo o conteúdo da mediação social de conflitos está contemplado nos eixos transversais: educação para a diversidade, cidadania e educação em e para os direitos humanos e educação para a sustentabilidade. Um dos eixos de aprendizagem desse currículo é compreender o estudante como sujeito central do processo de ensino capaz de atitudes éticas, críticas e reflexivas, comprometidos com suas aprendizagens, na perspectiva do protagonismo estudantil. (Currículo em Movimento p. 9)

É importante destacar que a mediação de conflitos não é uma atribuição apenas do Orientador Educacional e sim responsabilidade de todos os profissionais da escola. No Projeto Político Pedagógico da Escola Classe 22 do Gama, por exemplo, percebemos a integração do projeto com os diversos segmentos:

O projeto de mediação também possibilitou o estabelecimento de uma relação profissional de respeito, valorização e participação na construção coletiva. Partiu-se do pressuposto que todos os trabalhadores em educação deveriam ter o objetivo de resgatar a qualidade do ensino e promover um ambiente mediador. (PPP Escola Classe 22 do Gama, p. 5)

Na modalidade presencial, a Orientadora Educacional dessa escola atua na sensibilização e na formação em mediação de conflitos junto aos profissionais e estudantes. Essas formações são realizadas com apoio de Instituições Parceiras da Escola (Projeto Estudar em Paz, UCB, EAPE e outras). Além disso, colabora, presta apoio e acompanha as mediações realizadas nos diversos segmentos como entre estudante/professor, professor/família, professor/professor, aluno/aluno e etc.

As sensibilização e formações com a equipe escolar acontecem nos momentos de coordenação coletiva e com os estudantes durante o horário escolar. Devido a faixa etária dos estudantes a formação em mediação de conflitos acontecem nas turmas de 5º Ano do Ensino Fundamental.

O projeto de mediação está integrado ao projeto Amigos do Recreio e, portanto, após a formação, os estudantes que quiserem, podem se voluntariar para serem mediadores no recreio e atuar junto ao SOE realizando mediações coletivas em outras salas, campanhas e sensibilizações sobre diversos temas.

No recreio as funções dos mediadores são: observação, coordenar brincadeiras, organização e disponibilização de jogos e brinquedos, orientar os demais estudantes sobre as regras do recreio e mediar pequenos conflitos que acontecem entre as crianças como disputa por brinquedos e desentendimentos.

A cada semana uma equipe de uma turma de 5º Ano fica responsável por realizar mediações no recreio sendo acompanhadas cada dia por dois professores mediadores. Existe uma escala e todos os professores da escola atuam como mediadores junto com os estudantes durante o recreio. Sendo assim, se faz necessária tanto a capacitação dos estudantes quanto dos professores em mediação de conflitos.

O projeto gera um impacto muito positivo nas relações escolares. Os estudantes menores gostam e confiam nos colegas mediadores e sonham em chegar ao 5º Ano para receberem o Colete de Mediador do Recreio. Nos estudantes mediadores gera o sentimento de responsabilidade, de cuidado com os colegas menores, observa-se melhora na autoestima, no desempenho das tarefas escolares e no comportamento em sala de aula reduzindo o número de encaminhamentos de casos ao SOE e direção por conflitos e desentendimentos que são mediados imediatamente entre os próprios estudantes. Alguns estudantes que antes eram apenas vistos pelos professores apenas de maneira negativa por problemas de comportamento ou de aprendizagem, demonstram durante o projeto outras habilidades que não eram percebidas no âmbito escolar e surpreendem como mediadores.

Os estudantes mediadores atuam junto ao o Serviço de Orientação Educacional realizando sensibilizações, campanhas de prevenção à violência e mediações coletivas com outras turmas em sala de aula. São acompanhados e recebem supervisão dos professores e da orientadora educacional.

Existe constantemente a avaliação do projeto tanto com os estudantes quanto com os demais professores da escola para ajustes e modificações das condutas. Algumas vezes os estudantes mediadores quando não estão na sua vez de mediar o recreio se “esquecem” de algumas regras como não correr no pátio para evitar acidentes, esperar a vez no brinquedo, etc. Nestes casos existe a intervenção junto ao SOE ou direção. Não é permitido também que

os estudantes mediadores intimidem, castiguem, haja de maneira violenta (puxar, empurrar) ou abusem na função de mediador. Em caso de recusa dos outros estudantes cumprirem as regras do recreio o estudante mediador do recreio deve o fato ao Professor Mediador.

Com a pandemia e o estabelecimento do ensino remoto houve a necessidade de mudanças e adaptações no Projeto da Mediação. Este contexto deixou evidenciado ainda mais as dificuldades dos profissionais de escola com a escuta sensível, com a mediação de conflitos, com o acolhimento às demandas de sofrimento, luto e angústia que as crianças e seus familiares estão passando. Além, é claro do sentimento de impotência e o próprio sofrimento do educador com a situação que estamos vivenciando.

Nunca a mediação foi tão necessária quanto no momento atual. Estamos com professores esgotados, preocupados e com um nível de auto cobrança muito grande em relação às aprendizagens dos estudantes e de outro lado temos famílias passando por inúmeras situações como perda de emprego, adoecimento, dificuldades com o uso das tecnologias, problemas de acesso à internet dentre outras situações.

Além disso, com distanciamento social e os atendimentos aos estudantes e familiares sendo feitos por meio de recursos tecnológicos, acarretam em algumas falhas na comunicação gerando alguns conflitos e desentendimentos. Para ajudar a intervir nesta situação o projeto de Mediação foi adaptado para atender as demandas do ensino remoto e tem se focado na sensibilização, na realização de intervenções, na sensibilização da equipe escolar e na realização de mediações entre professor/professor, professor/aluno, professor/direção, professor/famílias e outras. Além das mediações tem realizado escuta sobre os problemas emocionais diversos advindo dessa situação atípica e encaminhamentos de casos mais graves a atendimentos especializados.

Em suma, durante o ano letivo de 2020 o do projeto de mediação de conflitos teve como foco a sensibilização dos professores e a realização de mediações tendo o Orientador Educacional ou a equipe da direção da escola como mediadores. Neste ano letivo de 2021 o trabalho será focado na escuta ativa, na formação dos professores e perceberemos também a necessidade de realizar sensibilizações com as famílias sobre comunicação não-violenta e prevenção às violências.

Para que pudéssemos fazer com que o projeto fosse de encontro às necessidades da comunidade escolar, o SOE e a direção da Escola Classe 22 do Gama, além de ouvir pais, professores e estudantes em atendimentos individuais e coletivos também elaboraram um

formulário para os estudantes pudessem expressar suas opiniões e sentimentos sobre o ensino remoto e para verificar se estão passando por alguma situação que necessite de intervenção.

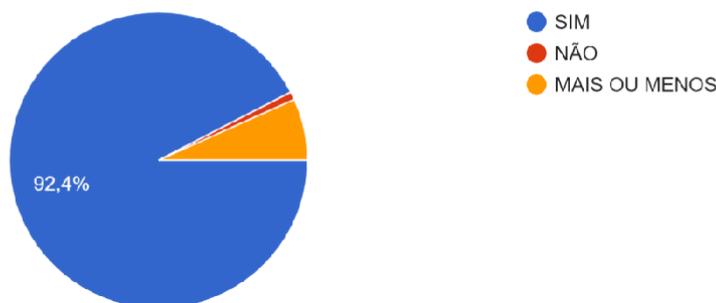
O formulário foi desenvolvido de forma que os próprios estudantes pudessem responder sozinhos ou com pouca ajuda. No formulário os estudantes avaliam as aulas, expressam seus sentimentos e as dificuldades e problemas que estão vivenciando.

Dos 520 estudantes matriculados recebemos a resposta de 341 deles. Apresentaremos agora um resumo dos principais pontos abordados no formulário e que servirão de base para as intervenções que serão realizadas a partir do 2º Semestre de 2021.

Nas respostas dos estudantes pudemos observar que 94,1% querem o retorno das aulas presenciais. Perguntamos aos estudantes se eles sentiam falta da escola e podemos observar no gráfico abaixo que 92,4% responderam que sim, 6,7% dos estudantes dizem que sentem mais ou menos e 0,9% dos estudantes que não sentem falta da escola.

#### VOCÊ SENTE FALTA DA ESCOLA?

341 respostas



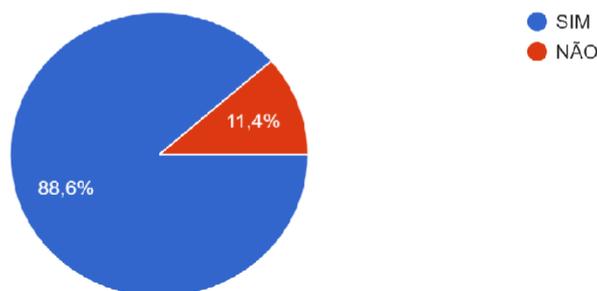
Perguntamos também do que eles mais sentem falta na escola. Nessa questão eles poderiam marcar até 3 opções como respostas e acrescentar alguma que não estava contemplada nas opções. Como resultado tivemos que: 72,4% sentem falta dos professores, 77,7% dos colegas, 44,9% do recreio, 18,5% do lanche e 55,1% de estudar.

Nas conversas com os professores e nas fichas de encaminhamentos de estudantes para a busca ativa observamos com muita frequência reclamações como a falta de hábito de estudo dos estudantes, da falta de estímulo de alguns familiares no encaminhamento das atividades e na frequência às aulas proporcionadas pelo Google Meet.

A fim de compreendermos melhor essa demanda perguntamos aos estudantes se eles tinham um local adequado para estudar em casa e com os materiais mínimos necessários e 11,4% dos estudantes responderam que não. Observamos então que 88,6% por cento dos estudantes possuem um ambiente propício ao estudo em casa.

VOCÊ TEM UM LOCAL ADEQUADO PARA ESTUDAR EM CASA? (LOCAL LIMPO, VENTILADO, SILENCIOSO, COM MESA E CADEIRA)

341 respostas

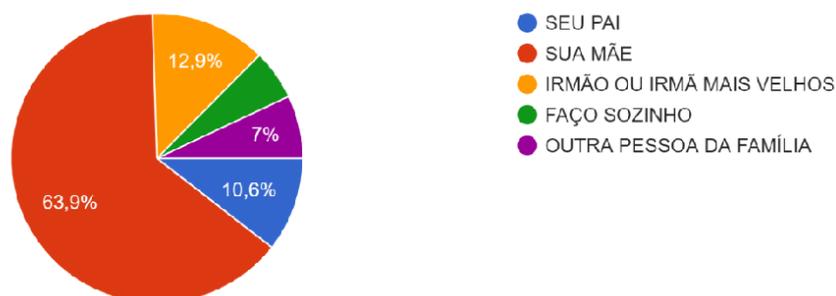


No que se refere ao acompanhamento nas tarefas escolares 78% recebem auxílio, 20,2% dos estudantes responderam que algumas vezes e apenas 1,8% por que não. Sendo assim, apesar da reclamação constante dos professores os estudantes, percebemos que apenas uma parcela muito pequena dos estudantes não recebe nenhum acompanhamento familiar.

Os estudantes informaram ainda quem são as pessoas que os auxiliam nas tarefas feitas em casa. Como já era de se esperar, as mães são maioria nas respostas das crianças e 5,6% dos estudantes relatam fazerem sozinhos.

QUEM TE ACOMPANHA NAS TAREFAS EM CASA?

341 respostas



Em outros questionamentos percebemos que 62,8% dos estudantes possuem irmãos que também estão estudando online e que 45,7% precisam dividir com alguém o computador ou celular para assistir às aulas e fazer as atividades.

Neste sentido, observamos que quase a metade dos estudantes precisam compartilhar o celular e o computador com os pais e/ou os irmãos e que existe a necessidade de revezamento na utilização dos equipamentos eletrônicos. Esse dado contribui com as falas das famílias na Busca Ativa de que têm filhos em idades e níveis escolares diferentes dentro de casa e às vezes precisam priorizar um ou outro.

Os pais que tinham filhos estudando no mesmo turno, mas em anos/turmas diferentes reclamavam que muitas vezes as aulas online aconteciam no mesmo horário e que tendo apenas um equipamento em casa ou com poucos dados móveis ficava impossível de todos os filhos assistirem as aulas nos mesmos dias e horários. Para amenizar a situação, o SOE, a direção da escola e os professores começaram a verificar os casos existentes e propor atendimentos em horários diferenciados.

Perguntamos aos estudantes se eles tinham dificuldades em realizar as atividades enviadas e 34% disseram que não, 44% responderam mais ou menos e 22% que sim. Observamos que se somarmos os estudantes que responderam mais ou menos com os que responderam que sim 66% das crianças relatam terem alguma dificuldade na realização das tarefas enviadas, o que é um número muito significativo. Como ações de intervenção a direção da escola, o SOE e os coordenadores pedagógicos têm conversado com o grupo de professores e pensado em alternativas e intervenções no planejamento das tarefas enviadas.

Além de saber sobre a aprendizagem nos preocupamos também em tentar compreender como as crianças se sentem ao realizar as tarefas online e percebemos uma variedade de sentimentos: 29,3% se sente feliz, 16,4% animados, 22,9% se sentem calmos/tranquilos, 18,2% desanimados, 3,2% com raiva/nervoso e 4,7% com vergonha, outras respostas tiveram menos de 1%.

Os estudantes também tiveram a oportunidade de avaliar seus professores e as respostas foram muito positivas. Em uma questão aberta perguntamos também o que eles achavam das aulas pelo Google Meet e houveram respostas positivas e negativas. As principais críticas se referem ao tempo da aula (curto ou longo demais), problemas constantes de conexão com a internet, travamento de aplicativos e problemas nos equipamentos eletrônicos (muitos deles antigos e que não suportavam o aplicativo Escola

em Casa e o Google Meet).

Como última questão do formulário perguntamos se os estudantes estavam passando por algum problema familiar e 10,3% responderam que os pais se separaram neste período, 38,1% relataram que algum familiar adoeceu neste período, 18,5% relataram brigas e desentendimentos na família, 25,8% perderam algum familiar, 19,6% relataram que o pai ou a mãe perderam o emprego, 35,8% relataram dificuldades das famílias em comprar alimentos e pagar contas básicas como água, luz elétrica e telefone.

Os resultados do questionário foram apresentados e discutidos com toda a equipe escolar. Além disso, cada professor recebeu o resultado da pesquisa feita em sua turma, para que pudessem subsidiar suas ações/intervenções e principalmente compreender um pouco mais sobre a realidade dos seus estudantes neste período tão difícil da história humana.

A utilização do formulário foi muito importante pois deixou “cair por terra” alguns mitos que os professores reproduzem por meio do senso comum como: que as crianças não querem estudar, que não gostam das aulas on-line, que as famílias não acompanham o processo educativo e outros.

Além disso, nos permitiu identificar as crianças que estão passando por situações de violência, vulnerabilidade e norteou várias ações da escola como campanhas para arrecadação de alimentos, encaminhamentos às redes de apoio (Conselho Tutelar, atendimentos psicológicos e outros) e permitiu reflexões sobre a necessidade de mudanças no processo de ensino para os estudantes que estão com dificuldades na aprendizagem no ensino remoto.

Durante todo o ano escolar de 2020 e o primeiro semestre de 2021 a Escola Classe 22 do Gama passou por muitos desafios e transformações. Percebemos a importância do trabalho coletivo, da escuta ativa, da falta que faz um abraço, da necessidade do acolhimento e principalmente de se conhecer a realidade para se conseguir intervir nela. Foram um ano e meio em que vários profissionais, estudantes e familiares adoeceram de Covid-19 e infelizmente houveram algumas perdas. Essas perdas ocorreram em vários sentidos e todos passamos por vários lutos como: perda de familiares, desemprego, as crianças perderam o direito de ir para a escola, brincarem juntas e de expressar os sentimentos com abraços e beijos. Como dói encontrar algum estudante da escola e ter que pedir para que não nos abracem ou beijem.

A pandemia nos adoece não apenas fisicamente, mas também emocionalmente.

Professores, familiares e estudantes relatam sentir o aumento de transtornos como ansiedade, depressão, síndrome do pânico, síndrome de burnout e outros problemas emocionais nesse período. Nos atendimentos feitos pelo SOE percebe-se o quanto todos necessitamos de acolhimento, da escuta sem julgamentos e de um olhar sensível para as dificuldades e de como superá-las.

Nesse sentido confirmamos a importância do Orientador Educacional no ambiente escola seja público ou privado. O Orientador é o profissional que vê a escola de maneira integrada, que preza pelo estabelecimento de laços afetivos, que se preocupa com os sentimentos, com a transformação das relações a partir de sua visão mediadora fundamentada na pesquisa e estudo da realidade.

A experiências em mediação de conflitos na Escola Classe 22 do Gama nos leva a refletir e a reivindicar que, nas licenciaturas e cursos de formação de professores e orientadores educacionais, a mediação social de conflitos seja uma disciplina na grade curricular obrigatória das Faculdades e Universidades.

Precisamos de profissionais e orientadores educacionais nas escolas que sejam capazes se comunicar de forma não-violenta de compreender e intervir nas situações de conflitos, que consigam tornar o estudante protagonista na prevenção às violências e que principalmente compreenda que a mediação perpassa por todo o currículo escolar e que saber conviver em grupo, expressar suas opiniões com respeito, respeitar opiniões diferentes, compreender a diversidade, saber reivindicar direitos, talvez sejam os maiores aprendizados mais significativos que seus estudantes levarão para a vida.

Na Escola Classe 22 do Gama ainda há vários desafios a serem superados dentre eles podemos citar: a necessidade de formação constante dos professores e a necessidade que os profissionais da escola assumam a postura mediadora em todas as suas ações e projetos. Muito ainda precisa ser feito, mas estamos felizes, pois sabemos que estamos na direção certa.

### **Referências bibliográficas**

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF). **Projeto Político Pedagógico 2021 da Escola Classe 22 do Gama** (em processo de publicação).

\_\_\_\_\_. **Projeto Político Pedagógico 2017 a 2019 da Escola Classe 22 do Gama**. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp->

<conteudo/uploads/2018/07/pppec22cregama.pdf>

\_\_\_\_\_. **Currículo em Movimento**. Disponível em:  
<http://www.educacao.df.gov.br/curriculo-em-movimento-da-educacao-basica/>

\_\_\_\_\_. **Circular 173/2020** - Orientações para a Organização do Trabalho Pedagógico da Orientação Educacional. Disponível em 03/07/2021 em:  
<http://www.educacao.df.gov.br/circular-no-173-2020-see-subeb/>

\_\_\_\_\_. **Proposta Pedagógica da Orientação Educacional**. Disponível em:  
[http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/orienta%C3%A7%C3%A3o-pedagogica-da-orienta%C3%A7%C3%A3o-educacional\\_02mai19.pdf](http://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/orienta%C3%A7%C3%A3o-pedagogica-da-orienta%C3%A7%C3%A3o-educacional_02mai19.pdf)

FRANÇA. Social mediation and new methods of conflict resolution in daily life. **National Forum of Urban Affairs Professionals**. Les édition de la Délégation Interministérielle à la ville. Recuperado em 15/01/2015, de <http://www.ville.gouv.fr>, 2000.

GALTUNG, Johan. **Transcender e transformar**: uma introdução ao trabalho de conflitos. São Paulo, Palas Athena, 2006.

MARSHALL B, Rosenberg. **Comunicação não-violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. São Paulo: Ágora, 2006.

NUNES, Antonio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo: Contexto 2011.

RIOS, Zoé. **A mediação de conflitos no cenário escolar**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.